

ENTREVISTA para a revista Vida Nova, Espanha [25 de julho de 2021; páginas 40-41\]
Ir. Rekha M Chennattu, Superiora Geral das Religiosas da Assunção

(Tradução do inglês)

A humildade de Ir. Rekha é uma força. Biblista apaixonada por João, esta religiosa indiana entende a liderança de Jesus a partir do seu Evangelho, tendo como eixo a amizade. Vive isso no dia a dia como superiora geral das Religiosas da Assunção a serviço de mais de mil irmãs em 33 países.

1. Para onde sopra o Espírito para as Religiosas da Assunção na era pós-COVID? Esta pandemia a sacudiu em seus projetos e presenças em seu instituto ou você pôde continuar com seus planos como antes?

Ir. Rekha: A pandemia obrigou todos nós a enfrentarmos uma crise global sem precedentes, que mudou radicalmente muitos de nossos projetos e programas já previstos. Não tivemos outra opção a não ser responder com criatividade às consequências atuais e futuras da pandemia. Acolhi essa situação como um momento oportuno de busca de novos caminhos para fazer com que a presença e a missão da Assunção fossem mais significativas e relevantes. O verdadeiro desafio é discernir as “novas formas” do carisma da Assunção que sejam para nós fonte de energia positiva e de esperança profética para um mundo melhor. Como diz um ditado: “quando as raízes são profundas, não há razão alguma para temer o vento.” Esta nova forma de viver faz com que a presença curadora de Deus, sua justiça e compaixão, sejam mais visíveis nestes tempos de dificuldade.

2. São mais de mil religiosas, em 33 países. Sua congregação é como uma “multinacional”. Como você lidera uma congregação sem cair em critérios de empresa, mas também sem virar as costas para os apelos do mundo de hoje? Como perita em liderança na vida religiosa, pensa que os homens e mulheres consagrados estão se perdendo, querendo carregar o peso da instituição e da gestão dos trabalhos, em vez de ser sua alma?

Ir. Rekha: Não me considero nenhuma especialista em liderança na vida religiosa, mas a compreendo como nossa participação no projeto de Deus. Os líderes são chamados a se colocar a serviço da missão de Deus. A liderança é compreendida como um serviço amoroso prestado entre irmãos e discípulos de Jesus (Jo 15, 13-17). Esse modelo joanino de animação carrega um aspecto de reciprocidade ao papel dos líderes: servimos “uns aos outros” como parceiros irmanados na missão de Deus. Nesse clima, as relações são mais mútuas e colaborativas do que hierárquicas. O carisma da liderança, em vez de controle do alto, inspira um trabalho de equipe e um compromisso cordial. É uma animação interior para construir uma comunidade para a missão de Deus em vista de criar um mundo mais humanizado. Então os líderes não sentem sua missão como um fardo, mas sua animação torna-se uma experiência da graça de levar vida em abundância para todos os membros. Ao mesmo tempo que esse modelo de amizade fornece espaço e liberdade para que cada membro faça sua contribuição pessoal e

única, também apela para revisão comunitária. Implica integração de firmeza com compaixão e justiça, com gratidão. Não é fácil, mas não é impossível quando “caminhamos humildemente com Deus” (Miqueias 6,8).

3. Líder e mulher. Como avalia os passos dados pelo Papa Francisco sobretudo nas nomeações do último ano? Necessários? Suficientes? Pode imaginar que possa votar num Sínodo?

Ir. Rekha: Sinto-me inspirada e desafiada pela maneira do Papa Francisco animar a Igreja. Ele se preocupa com o bem estar de todos os povos de Deus. Os pobres e marginalizados, incluindo as mulheres, têm um lugar especial em seu coração. Seu desejo por maior participação das mulheres nos processos de decisão é evidente na recente nomeação de mulheres para cargos antes assumidos exclusivamente por homens. Ao mesmo tempo que aprecio cada passo que o Papa Francisco deu, penso que temos ainda um longo caminho a percorrer para garantir o lugar devido às mulheres na Igreja. Tenho plena certeza de que vamos chegar lá, devagar, mas com firmeza. Minha experiência como membro da Conferência Episcopal da Ásia foi extraordinária, uma experiência de comunhão com cardeais, bispos, teólogos refletindo juntos sem uma ordem hierárquica. Cada um/uma tem seu lugar, e a palavra de cada um é ouvida com respeito como discípulos de Jesus. Particpei do Sínodo dos Bispos sobre a Nova Evangelização em outubro de 2012 sem direito a voto, e encaro para o futuro o dia em que todos os participantes terão direito de voto no Sínodo. Diria que as mulheres deveriam ter o papel de “buscadoras de oportunidades” na Igreja e fazer de cada nova oportunidade de abertura um momento favorável para dar sua contribuição única para a vida e missão da Igreja.

4. Durante muitos anos, Roma emitiu mensagem de que a vida religiosa estava “morta” ou “morrendo”, diante da falta de vocações nos países do Oeste e do engajamento com novos movimentos... Será que essa mudou?

Ir. Rekha: A vida religiosa nunca morrerá, mas vai passar por mudanças radicais em seu processo natural de evolução. Desde que eu fiz meus primeiros votos, muita coisa mudou na vida religiosa, com a diminuição do número de membros, o perfil das idades, a diminuição da presença apostólica nas instituições educacionais e outras. Parece também haver para algumas uma crise de identidade, uma crise de sentido da vida consagrada em nossos contextos culturais, religiosos e sócio-políticos em mudança. Uma questão importante é como dar sentido ao que foi acontecendo nas últimas décadas, e como preservar uma esperança realística e resiliente na redefinição da identidade e missão da vida consagrada para nosso tempo. Uma sociedade que está mais interessada em construir paredes do que pontes, polarizada e propensa à violência, precisa do carisma ou carismas da vida consagrada. Nossa comunidade internacional caracterizada pelos valores do Espírito, de inclusão, perdão, justiça e gratidão será um sinal profético de esperança para nosso tempo.

5. Um bom número de famílias carismáticas está colocando a esperança em religiosas indianas como superiores gerais. Fala-se da Índia como o futuro da Igreja, mas já seria o presente... Pensa que é assim?

Ir. Rekha: Ainda que os cristãos na Índia sejam menos que 2.5% da população, a Igreja presta uma contribuição significativa na construção da nação. Não sei se a Índia é ou será o futuro da Igreja, mas desenvolvemos ali uma teologia contextualizada que responde aos anseios de nosso povo e aos desafios de nosso tempo. Como superiora geral indiana, tenho uma oportunidade de ouro de partilhar com toda a Congregação os frutos de minha formação, de nossa opção radical pelos pobres e marginalizados, da riqueza de nosso contexto multi-religioso e multi-cultural, bem como de nossa espiritualidade integral e holística.

6. **Você pertence ao rito Siro-Malabar. Para um ocidental, é algo exótico e pelo menos nada familiar. O que os ritos orientais trazem para o rito latino? Mais espiritualidade? Mais leveza? Mais abertura para o diálogo com outras religiões?**

Ir. Rekha: Penso que os dois Ritos – Oriental e Latino – enriquecem-se mutuamente. As Igrejas Orientais têm liturgias vibrantes, alegres e participativas. Crescemos respirando o ar da fé e temos uma intensa formação da fé por um período de doze anos, a partir dos quatro anos de idade. Por exemplo, no último Sábado Santo minha sobrinha que tem apenas nove anos me telefonou para perguntar: “A Ressurreição de Jesus é verdade?” Este é o tipo de tradição da fé que herdamos. Penso que quanto mais arraigados estivermos em nossa fé, mais profundamente podemos estar em comunhão com as tradições de povos de outras religiões com mútuo respeito e reverência. Temos também uma longa tradição de vivência inter-religiosa harmoniosa no Kerala (Sul da Índia).